

Nelson Rodrigues: a arte de colorir a cena no jornalismo impresso¹

Priscila Rodrigues MELO²
Universidade Federal Fluminense³, Niterói – RJ

Resumo

Nada mais atual que falarmos do jornalismo de Nelson Rodrigues e sua forma de construir reportagens na década de 20. Visualizando não o jornalista que falseia a cena, mas o repórter que colore cada frase com a intenção de tornar o texto mais envolvente e interessante aos olhos do leitor. A objetividade vive um declínio dentro do jornalismo, e aos poucos vem dando lugar ao retorno do jornalismo de sensação. Estamos acostumados a estudar Nelson Rodrigues diante da sua obsessão travada aos “Idiotas da Objetividade” nos anos 50, mas esse artigo analisa o estilo rodriguiano, tendo em mãos suas reportagens escritas na década de 20, espaço reservado ao sensacionalismo, livre para suas criações mais ousadas à época em que atuou como jornalista policial.

Palavras-Chave: Nelson Rodrigues, Anos 20, Sensacionalismo e Reportagem Policial.

Introdução

Para Nelson Rodrigues, a função de um repórter policial era fundamentalmente a valorização da narrativa, a reportagem do acontecimento, que a própria escrita fiel ao fato. Suas reportagens eram cobertas de recursos que atraíam os leitores, que se sentiam envolvidos na cena, como capítulos de novela. Eram matérias cheias de sensações, marcadas pelo termo sensacionalismo. Ele não se limitava apenas a noticiar as ocorrências policiais, mas recriava de forma romanceada as histórias dos personagens envolvidos nos fatos.

É possível dizer que, para Nelson Rodrigues, um pouco de mentira ajudava na fórmula de se transformar uma notícia mais real, em uma matéria mais carregada de detalhes e brilhantismo, que pudesse atrair mais o leitor. Esse estilo próprio de produzir a matéria o fez escrever de forma que mostrava o cotidiano realista, mas com o toque de tragédia. O jornalista sempre usou a tática de dar, ao leitor, pílulas de dramaturgia, capazes de atrair, todos os dias, curiosos para encontrar a seqüência dos fatos.

Em uma de suas famosas frases relacionadas ao jornalismo, Nelson Rodrigues deixa clara a defesa do seu estilo: “Hoje, a reportagem de polícia está mais árida do que

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da UFF, e-mail: pris.melo@uol.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora Ana Lúcia Enne, e-mail: anaenne@terra.com.br

uma paisagem lunar. O repórter mente pouco, mente cada vez menos”. Assim, ao lermos algumas de suas reportagens escritas nos jornais *A Manhã* (1925) e *Crítica* (1928), ambos jornais de seu pai Mário Rodrigues, percebemos claramente o que o próprio Nelson Rodrigues chamava de “mentira”, elementos capazes de levar o leitor a sensações que o envolviam ao relato.

2. Sensacionalismo

Antes de fazer qualquer juízo em relação às reportagens rodriguianas, é necessário entender sua construção e seu conteúdo. O autor Danilo Angrimani, no livro *Espreme que Sai Sangue*, define os termos relacionados ao sensacionalismo do próprio *Dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira*, 1986. Como será reproduzido para que seja claro o significado mais usual da palavra sensacionalismo. Derivada da palavra sensacional é interessante entendermos primeiro a sua raiz:

“Sensacional – Adj.2g.1. Que produz sensação intensa. 2. Referente a sensação.3. Que desperta viva admiração ou entusiasmo; espetacular; formidável; um filme sensacional.

“Sensacionalismo – S.m.1. Divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de emocionar ou escandalizar. 2. Uso de escândalos, atitudes chocantes, hábitos exóticos etc., com o mesmo fim.3. Exploração do que é sensacional na literatura, na arte etc.

“Sensacionalista – Adj.2g. Em que há, ou que usa de sensacionalismo; notícia sensacionalista; jornal sensacionalista”. [HOLANDA FERREIRA *apud* ANGRIMANI :1986:634]

Diferentemente dos veículos que constroem uma imagem de objetividade, como se visassem somente passar uma informação, os jornais que se utilizam da linguagem sensacionalista tentam “aumentar o grau” de certos assuntos que não teriam tamanha proporção. Com isso, valorizam um determinado fato, fazendo com que o mesmo chame a atenção do leitor. Essa linguagem apresenta a informação de forma exagerada, muito mais relacionada com a emoção do que com a razão. Temas como violência, sexo e sangue não poderiam faltar nas pautas desses jornais. As manchetes desse gênero, ou castigam o infrator ou comemoram o ato que viola uma lei ou regra social.

Segundo Angrimani, quando o jornal sofre o ato de ser sensacionalista, as pessoas se confundem na hora de usar o termo. Muitas vezes taxam um jornal de

sensacionalista quando o mesmo sofre um deslize nas informações, exageros na coleta de dados, fazendo com que o noticiário se desequilibre. A palavra sensacionalismo é muita das vezes a primeira definição encontrada pelas pessoas para condenar uma publicação.

Quando um veículo é denominado sensacionalista, fica separado dos jornais ditos sérios, significando que não atendeu às expectativas desse público que o taxou como tal. Muitas vezes os erros que o fazem ser tratado assim são fatos que podem acontecer dentro de qualquer jornal, como ousadia, ironia, questionamento, que são qualificativos editoriais, mas também imprecisão, apuração errada, distorção, deturpação e editorial agressivo.

No livro *A Produção do Discurso de Informação num Jornal Sensacionalista*, a autora Rosa Nívea Pedroso define o gênero sensacionalista como:

“modo de produção discursivo da informação de atualidade, processado por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, lingüístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação ou reprodução de real social”.(PEDROSO *apud* ANGRIMANI, 1995, 14)

Pedroso define, também, as regras que determinam a prática ou o modo sensacionalista de produzir um discurso de informação em um jornal diário.

“Intensificação, exagero e heterogeneidade gráfica; ambivalência lingüístico-semântica, que produz o efeito de informar através da não-identificação imediata da mensagem; valorização da emoção em detrimento da informação; exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional; adequação discursiva ao status semiótico das classes subalternas; destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos; subtração de elementos importantes e acréscimo ou invenção de palavras ou fatos; (...) dissimulada, indefinida, substitutiva, deslizante, avaliativa; exposição do oculto, mas próximo; produção discursiva sempre trágica, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica; especificidade discursiva de jornal empresarial-capitalista, pertencente ao segmento popular da grande empresa industrial-urbana, em busca de consolidação econômica ao mercado jornalístico; escamoteamento da questão do popular, apesar do protesto engajamento com o universo social marginal; gramática discursiva fundamentada no desnivelamento sócio-econômico e sociocultural entre as classes hegemônicas e subalternas”. (PEDROSO *apud* ANGRIMANI, 1995, 14-15)

O sensacionalismo superdimensiona o fato, valoriza muito um assunto, que nem deveria ser tão enfatizado, apenas para criar um impacto e vender, segundo Pedroso. Um produto jornalístico sensacional é “descaradamente” escandaloso. Essa linguagem tem o cuidado de não ser rebuscada, usando-se do coloquialismo, por sinal extremamente exagerado, onde há excessivamente o uso de gírias e até palavrões. Dessa forma, essa linguagem fascina o leitor, o obrigando involuntariamente a ler o noticiário.

Marialva Barbosa, no seu texto “*Tragédias*” *apaixonam a cidade*, acrescenta seu conceito sobre o sensacionalismo:

“Esse mundo mescla realismo e romance. As notícias sensacionalistas remontam à estrutura narrativa dos folhetins, embora os personagens sejam retirados da realidade. O leitor deseja também a edição fantasiosa de sua realidade. E os jornais se apressam em atender essa expectativa cultural existente entre o público”.(BARBOSA, s/d:87)

Os textos sensacionalistas são tratados pelos jornalistas como um lugar ideal para a construção fantasiosa da realidade, sempre impressionando e envolvendo o leitor.

3. Nelson Rodrigues: O repórter policial

Nelson Rodrigues sempre foi um homem de jornal. Iniciou em 1925, aos 13 anos, sua carreira no jornal *A Manhã*, no Rio de Janeiro, vivendo suas primeiras experiências jornalístico-literárias nas páginas dedicadas à seção policial. A disputa entre os repórteres para escrever nesta seção era enorme, pois a página dedicada à reportagem policial era o grande filão, na década de 20, para a venda de jornais. Ruy Castro analisa a importância de ser repórter policial naquela época:

“Aos olhos de hoje parece esquisito que um jovem repórter, podendo escolher à vontade, como Nelson, pedisse para começar pela seção de polícia. Mas, em 1925, nada mais natural. Exceto pelos redatores políticos e pelo editor da página literária, os repórteres policiais, mesmo mal pagos, eram as estrelas da redação”. (CASTRO: 1992:47)

Nelson Rodrigues costumava dizer que a reportagem policial foi um dos elementos básicos para construir sua visão de mundo, pois foi através dela que teve contato direto com a morte, que vinha chamar de intimidade.

A caravana, constituída por repórter e fotógrafo policial, de *Crítica* - jornal de Mário Rodrigues, de 1928 - invadia os lares da periferia carioca em busca de informações que eram transformadas em violentos e requintados enredos, e, como comenta Castro (1992:78 e 81) “a seção policial de ‘Crítica’ tornou-se leitura até para os consumidores mais sofisticados do jornal”. E acrescenta: “era como ler folhetim”.

Para Carla Cristina Costa Alves, no jornalismo policial, a ficção e a realidade andavam juntas. Seu jornalismo era mesclado com o estilo folhetinesco e sensacionalista.

“Oriunda de uma época do jornalismo anterior à implantação do copidesque e do lide – odiados por Nelson -, quando a forma de contar o acontecimento era mais importante do que o fato em si, o que representava livre exercício de estilo para o escritor. O jornalismo policial também jogava, diariamente, nas mãos do dramaturgo, histórias trágicas e grotescas. Era quase sempre o pior da natureza humana, não em preto e branco, mas sim em muito vermelho-sangue. Atropelamentos, namorados que se matavam juntos, crimes passionais, entre outros temas.” (ALVES: 2001,11)

É importante citar a linguagem do jornalismo da década de 20, que fazia com que o leitor se interessasse pelo fato no jornal, e acompanhasse cada dia, como capítulos de novelas cobertos de tramas envolventes com pedaços de tragédia.

O cotidiano veloz da redação policial contagiava Nelson Rodrigues. Todos os dias, repórter e fotógrafo saiam em busca de algum crime: assassinatos por ciúmes, homicídios, suicídios, adultérios, atropelamentos. Mediante um verdadeiro interrogatório sobre os fatos com as famílias e vizinhos, a reportagem policial era elaborada. As grandes paixões, a realidade difícil das camadas populares, as tramas em que os sentimentos eram exacerbados, os dramas da vida; tudo isto narrado e lido, na sua grande maioria em romance-folhetim, dando um sentido à realidade vivida no subúrbio.

Os temas de amor e de morte estavam sempre entrelaçados na proposta do pacto, ou seja, o pacto de morte revela variações do amor e da morte, também influenciados pelos caminhos das reportagens policiais. Era esta a notícia policial preferida por Nelson Rodrigues, na qual podia colocar toda a sua visão romanceada e nostálgica. Ruy Castro salienta a obsessão de Nelson Rodrigues pelos pactos de morte:

“A especialidade de Nelson, e aparentemente a única que o fazia sair à rua na “caravana”, eram os pactos de morte entre jovens namorados. (...) No Rio de Janeiro dos anos 20, (...) parecia uma epidemia (...) Os colegas já sabiam da fixação de Nelson por estes casos. Quando ocorria um, o secretário do Jornal (...) gritava: ‘Está pra ti, Nelson! Pacto de Morte na rua tal, número. Chispa!’”.(CASTRO: 1992:48)

A experiência como repórter policial e a elaboração de matérias designadas à seção de polícia influenciaram todas as formas literárias do autor. Os mesmos temas - amor, adultério e morte - são acrescidos de elementos originários desta experiência de jornalista e, articulados, constituem partes fundamentais do universo rodriguiano.

A partir da análise da relação entre a prática de repórter policial, como trajetória de vida de Nelson Rodrigues, e sua produção, é possível perceber dois pontos importantes: por um lado a trajetória de sua vida faz com que o autor, a partir dela, componha sua obra; por outro, encontra-se, em sua criação literária, uma permanente revelação autobiográfica. Sem sombra de dúvida, ser repórter policial e ser homem de jornal foram experiências fundamentais não somente para suas escrituras, mas também para sua vida.

Em entrevista ao jornalista Geneton Moraes Neto, realizada por e-mail no dia 06 de agosto de 2008, o mesmo fala da sua entrevista em 1 de maio 1978 feita a Nelson Rodrigues e se questiona diante do estilo rodriguiano: “Fico imaginando se algumas das histórias que ele cita não foram criadas por ele”.

Esta é uma questão que nos remete a pensar o jornalista Nelson Rodrigues como um folhetinesco, mais preocupado em reportar sensações que informações, usando da profissão trampolim perfeito para mesclar na mente humana, realidade e ficção, sem que a mesma soubesse onde terminava uma e começava a outra, respectivamente.

Para Aline Andrade Pereira, nas obras de Nelson Rodrigues era ele o principal personagem:

“Talvez a personagem rodriguiana mais característica de toda a obra de Nelson Rodrigues tenha sido ele próprio e o mais surpreendente dos seus textos, sua própria vida. Sua habilidade em produzir comentários bombásticos e obras cada vez mais detestadas, conferiu-lhe o título explorado à exaustão de ‘polêmico’”. (PEREIRA: 2004:104)

Nelson era peça principal de todos os seus textos exatamente por possuir um estilo inconfundível de reportar uma matéria. Na época, isso ficava bem perceptível quando comparados aos outros jornais, dentro das editoriais de polícia, reportagens escritas por outros jornalistas. Nelson Rodrigues tinha um estilo dentro de sua narrativa jornalística que envolvia o leitor, causando sensações.

5- Tragédias Sensacionais

No fim dos anos 1920, os jornais do Rio de Janeiro começam a acrescentar sensação às notícias, que recebem, segundo a autora Marialva Barbosa, em seu texto ‘*“Tragédias” apaixonam as cidades*’, o título de “tragédias”. Naquela época, os jornais cariocas só se popularizaram depois de adaptarem o uso dos fait-divers (termo em francês que significa fato do dia) como crimes, assaltos, roubos e fatos extraordinários. Homens matando mulheres, namorados que tomavam veneno juntos e assassinatos premeditados eram pautas retratadas com fervor pelos jornais. Com isso, passaram a ser lidos com frequência e criaram um hábito que antes ainda não existia. Preocupados em agradar, usavam táticas de diagramação capazes de impressionar e atrair mais leitores:

“Os textos das chamadas tragédias quotidianas são sempre editadas numa tipologia marcante. As manchetes, resumindo em poucas palavras o drama a ser narrado, por vezes, são impressas em corpo 48. Ao lado do texto, a cena da tragédia: em desenho ou em fotografia. O estilo do texto é entrecortado. Os títulos são seguidos de sub-títulos que resumem o drama. Tudo sugere uma leitura entrecortada, uma leitura titubante, uma leitura de um leitor real que ainda não está de todo familiarizado com as letras impressas”. (BARBOSA, 2007, 76).

Observando alguns títulos e sub-títulos das reportagens de Nelson Rodrigues em plena década de 20, é possível entender de forma clara a citação de Marialva Barbosa destacada acima ao se referir às reportagens sensacionalistas:

- *Filha Desnaturada: Censurada pelo seu pai, um ancião, agrediu-o barbaramente.* (A Manhã 5/5/1928)

- *Abandonada pelo autor do seu martírio, envenenou a filha e suicidou-se: Narrativa emocionante da desventura de uma infeliz mãe. Como se transmuda em ódio um amor ardente.* (A Manhã, 19/5/1928)

- *Os dramas do desespero: Fugindo à perseguição da polícia, as infelizes decaídas recorrem ao suicídio! Um romance de todos os dias.* (A Manhã, 2/8/1928)

- *Em uma alameda de sombra e poesia, o contraste sangrento de alucinado pacto de sangue e morte! Quiseram morrer juntos no Largo das Parasitas. Depois do drama, o amante vergonhosamente foge à responsabilidade do seu ato, culpando a mulher. A mulher, porém, mais resoluta, confessa a parte que lhe tocou na tresloucada cena da quinta.* (Crítica, 26/6/1929)

Para Nilson Lage, em seu livro *Linguagem Jornalística*, o fait-divers é, à primeira vista, a matéria jornalística que não se situa em campo de conhecimento preestabelecido, como a política, a economia e as artes. Para ele, o estudo da estrutura dessas notícias mostra uma peculiaridade: enquanto a informação depende, para ser avaliada ou compreendida, o fait-divers interessa por si mesmo.

“Quando se escreve que alguém matou a mulher com uma corda de violão ou que um bispo foi preso em um cabaré, pouco importa o assassino, a vítima, qual o bispo, onde e como isso ocorreu: o interesse está na contradição entre o crime e a arma, ou entre a responsabilidade do religioso e a natureza onde foi preso”. (LAGE, 2003,46).

Marialva Barbosa acredita que o uso das notas sensacionais e o possível gosto ou não dos leitores por esses textos podem ser de inúmeras ordens, como a questão da narrativa e a composição textual:

“O narrador conta não apenas ‘o que se passou efetivamente’ ou explica de que forma tomara conhecimento daqueles fatos, como também transporta para o relato algo que, de certa forma, já é de conhecimento do público. A popularidade da vítima, sua bondade e originalidade. (...) Pessoas comuns, vítimas da violência cotidiana, a mesma violência que faz parte da vivência de muitos dos leitores”. (BARBOSA, 2007, 76)

Para Nelson Rodrigues a prática do dia-a-dia como jornalista fez criar, dentro de si, uma realidade com um toque que hoje em dia se perdeu, o que ele já afirmava enquanto estava vivo. Ruy Castro em seu livro *O Anjo Pornográfico* demonstra como eram elaboradas as matérias jornalístico-literárias:

“(…) Dependendo do que Nelson extraía do material, este podia render continuações com clímax sobre clímax e tornar-se uma série capaz de prender o leitor por vários dias, como o caso do pacto de morte em Paquetá, em 1926. Muito depois que o casal já estava

enterrado e quase esquecido, a imaginação delirante de Nelson continuava fabricando ingênuas subtramas sobre o caso, como cenas de amor fremente, beijos arrebatados e uma volúpia sexual que ele conhecia intimamente do cinema ou dos folhetins (...). (CASTRO: 1992:48)

Conforme a análise anterior de Castro, tudo indica que Nelson Rodrigues não se limitava apenas a noticiar as ocorrências policiais, mas recriava, de forma romanceada, a história dos personagens envolvidos nesses fatos.

Toda essa teatralidade rodriguiana fica claramente visível na reportagem citada acima por Ruy Castro, intitulada “*Na Ilha dos Amores...*”, que conta a história de dois jovens que em fuga de um amor proibido, fizeram um pacto de morte e executaram o plano na praia de Imbuca em Paquetá, Rio de Janeiro. Datada de 14 de outubro de 1926, a narrativa da história é construída de forma a fazer com que o leitor antes de saber sobre os dados factuais da matéria, se envolva ao acontecimento como um observador da cena, *in loco*.

Nelson Rodrigues no início da reportagem faz uma breve introdução explicativa do acontecimento. De forma subjetiva, transforma o que deveria ser a reportagem de um fato, em um comentário poético a respeito do ocorrido, o que encanta mais que informa diante das palavras dramáticas.

“O autor de “Chanaan” clamou em vão contra o sentimentalismo no dia em que, dando a palavra de ordem aos futuristas, deixou a casa dos “imortais”. Com toda a crise, com todo o pessimismo do momento o amor surge ainda em lances dramáticos, porque, para certas almas, não é só a carne que alucina – o espírito, também, tem desejos incompreensíveis que os amantes gravam em pedaços de papel, contando já com a aparição da reportagem policial. E o romance vivo surge sempre com os mesmos lances emocionantes, se não em termos a Xavier de Montepin, ao menos no “écran” de duas colunas de noticiário rápido, onde o público lê as legendas do “film” natural e vê a movimentação das figuras: um rapaz de testa franzida, puxando, nervoso, a fumaça de um “misturado”, e uma mulher moderna, de lábios tintos de “rouge” ou de sublimado corrosivo.”(A Manhã, 14/10/26)

Ainda ao final da introdução, Nelson Rodrigues apresenta os personagens como em uma peça de teatro, posicionando cada indivíduo como em um palco teatral, prontos para encenar a sua própria peça. E intitulado o parágrafo exatamente como

Personagens, o jornalista apresenta os nomes de todos aqueles que se envolveram no decorrer de sua reportagem do pacto de morte.

“Personagens:

- Renato Ribeiro Machado – 15 anos, solteiro, empregado no comércio.
- Helena cavalcante ramos de oliveira – 21 anos, casada.
- Manoel Ramos de Oliveira – 28 anos – Marido de Helena.
- Carlos Pereira dos Santos – Comissário de Polícia
- Obigário Ramos – Agente de Polícia.
- Antenor Francisco dos Santos – 14 anos, residente no Morro da Providência.” (A Manhã, 14/10/26)

A matéria, com cinco páginas, é um dos grandes exemplos do jornalismo rodriguiano, bem mais preocupado com uma narrativa encantadora, envolvente e cheia de detalhes. Sem levar em consideração os possíveis exageros durante a apuração e narração dessa reportagem, é possível, ao ler na íntegra o *Pacto de Morte em Paquetá*, ter toda a sensação do dia. De fato, as técnicas usadas pelo jornalista Nelson Rodrigues eram calculadas para levar o leitor exatamente à cena do crime, mas não somente no momento e instante do ato, mas todo o universo que conspirava dentro do contexto, como a família da vítima, seus gostos, suas manias, as amizades, sem esquecer de dar exatamente o endereço completo dos envolvidos, como um instrumento de prova.

“Síntese do Romance:

Helena Cavalcante Ramos de Oliveira, de 21 anos, casou-se há pouco mais de um ano, com Manoel Ramos de Oliveira, de 28 anos, empregado da firma Oliveira Lopes, Silva & Comp. Estabelecida à Rua do Mercado número 14. Vivia Helena, com o marido, à rua Marquez de Sapucaí número 4, mas sempre cortejada por um rapazola romântico, de 15 anos, apenas, do qual o marido não suspeitava. Helena procurou, talvez, resistir, ao delírio amoroso do adolescente que fez uma ofensiva de versos. Ainda anteontem, pouco antes de combinar o “film” que executou o rapaz, Renato Ribeiro Machado, deu-lhe o terceto que se segue, o qual ela, a romântica Helena, guardou no seio: “Amor! Castalia azul que o bem [e o mal encerra... Amor! A alma estremece e a boca [se intimida: Reticências do céu... parênteses [da terra!” (A Manhã, 14/10/26)

Para publicar a matéria no jornal *A Manhã*, Nelson Rodrigues preparou uma página inteira, que veio ilustrada com as fotos dos amantes estampadas na primeira página como matéria principal do dia 14 de outubro de 1926. Para explicar detalhadamente tudo que pudesse envolver a cena e responder todas as perguntas questionadas pelo próprio jornalista, a reportagem veio acompanhada de 10 mini-capítulos: Personagens, A Praia de Imbuca, Síntese do Romance, A Ilha Assombrada, O Encontro Sensacional, No Local do Delírio, Na Delegacia de Paquetá, Na Igreja, Da Barca Para Assistência, O Marido de Helena.

Diante desses capítulos, é possível perceber também a preocupação do repórter Nelson Rodrigues em relatar todas as cenas com falas e descrição dos ambientes físicos, sempre com a idéia de posicionar bem o leitor na cena do crime.

“Na delegacia de Paquetá: Ouvimos Helena e Renato (...) O rapaz depois de exclamar: - Vou morrer. Mas sou feliz! Cambaleou e foi colocado a um canto da ante-sala do delegado. Helena, de olhos azuis, e cabeleira “á la garçonne” contorcia-se sem lamentações, procurando vir o amante cujo estado era melhor. De repente teve uma crise forte. E batia com as pernas, calçadas de meias “cor de carne”, na cama do comissário, descompondo-se, na inconsciência da dor. Bonito corpo de mulher, havia olhares de fuzil que só deleitavam contemplando Phrynéa... Há sempre um a parte fora do tom do drama. Um pintor, que estava presente, vindo o corpo perfeito da adúltera, comentou:
- Bom modelo...” (A Manhã, 14/10/26)

Assim como o caso do pacto de morte em Paquetá, ao analisar as produções jornalísticas de Nelson Rodrigues, verifica-se um estilo próprio de reportar as matérias. Sequenciadas, o leitor acompanhava a cada dia o desenrolar de assuntos ainda em aberto ou mal resolvidos. Muitas vezes com conteúdos textuais cobertos pela busca de culpados, justiça a qualquer preço e outros sentimentos permitidos transparecer na época e “contaminar” o leitor, que, como em um folhetim, vê-se necessário o acompanhamento do fato e seu desfecho que quase sempre levava semanas e até meses⁴.

Na reportagem intitulada “*A dor do desprezo!*”, escrita por Nelson Rodrigues no jornal *A Manhã*, em 1926, disponível no acervo da Biblioteca Nacional no Rio de

⁴ Como exemplo, podemos destacar também o *Caso Sílvio Pessoa*, em fevereiro de 1926, o *Crime do Mascarado* e *Boiando ao Sabor das Ondas*, ambos também datados em 1926.

Janeiro, é possível verificar claramente seu estilo de passar uma informação cheia de sensações:

“(…) Durante algum tempo a pobre rapariga viveu iludida com as promessas do seu já então amante, o cabo do Corpo de Bombeiros, Euclides Machado de Magalhães, que tinha assentado de pedra de cal que iriam viver juntinhos e muito felizes. Estava assim nessa doce ilusão Maria Glória de Magalhães, moreninha, moradora á rua marina n.45, em bento Ribeiro, quando ontem Euclides ali apareceu com outra resolução. Não estava disposto a permitir responsabilidade neste momento. Triste com a resolução do eleito de seu coração, Maria da Glória pensou que devia morrer para não entregar seu coração a outro homem. Ontem, á tarde. Cerca de 3 horas, Glória, embebeu a cabeça em querosene e ateou fogo. Como uma louca saiu a correr pela rua em fora, quando a certa altura, caiu pesadamente ao solo, horrivelmente queimada. Chamada a assistência do Méier, compareceu ao local uma ambulância que transportou para o Porto a tresloucada. Autoridades do 23º distrito registraram o fato”.

(A Manhã, 4/1/1926)

Nesta reportagem além do seu estilo sensacionalista é possível verificar os termos utilizados na época, como “assentado de pedra de cal”, tentando se referir a certeza absoluta em que Euclides, o amante de Glória, tinha em relação ao amor eterno entre os dois, assim como se joga o pó de cal em um caixão antes do enterro da sepultura. Esse termo recebe destaque como um exemplo claro do “floreamento” dado por Nelson Rodrigues às reportagens da época, sempre procurando a melhor frase de efeito para a situação. Água, por exemplo, não era apenas bebida, mas sim o “líquido precioso”. Hoje, termos impossíveis de serem utilizados em um jornal diário.

Já na reportagem da mesma época: “*Com dois tiros: tentou matar a ex-amante, que o repelia*”, aparece claramente outra técnica que Nelson Rodrigues utilizava ao escrever suas matérias:

“Foi há cousa de um mês. Entre os dois amantes houve uma cena violentíssima. Chegaram ao fugilato. Finda a luta, eles, Osmar da Silveira e Amélia Rodrigues, resolveram apartarem-se. Cada um iria para seu lado. E, assim, foi. Ele passou a morar para os lados da Estação D. Clara e ela tomou um comando á rua Portella 174, em Madureira. Correm os dias, Osmar, arrependido, procurou reatar as antigas relações com a amante. Escreveu-lhe cartas, mandou-lhe vários emissários. A rapariga repeliu todas as propostas. Varrera o ex-amasio, de uma vez e para sempre, do coração.

Ontem, já tarde da noite, bateram á porta da casa de Amélia. Ela foi ver quem era. Era Osmar.

–Que deseja ainda? –perguntou-lhe ela.

–Saber se tua resolução é definitiva...

–Definitiva! –respondeu.

Amélia com firmeza ao mesmo tempo que movia os ombros num gesto de desprezo profundo. Osmar não disse mais nada. Sacou de um revólver, alvejando-a duas vezes. Os projéteis perderam o alvo. Amélia gritou. Temendo a aproximação da vizinhança, o perverso fugiu. Do fato teve conhecimento a polícia do 23º distrito”. (A Manhã, 3/1/1926)

Com o acréscimo de falas dentro do corpo das matérias, introduzidas com travessão, Nelson Rodrigues busca um discurso direto entre o fato e o leitor que o desvenda, dando mais legitimidade ao relato e ligando aquele que lê diretamente a cena, fazendo com que o mesmo sintam-se mais próximo do acontecido, como uma testemunha ocular.

Inúmeras técnicas foram utilizadas por Nelson Rodrigues em suas matérias jornalísticas policiais, técnicas estas que acreditava colorir mais a matéria, atraindo o leitor. Assim como as outras técnicas utilizadas e observadas acima, o uso de pontos de interrogação criam um diálogo com o leitor, fazendo com que o mesmo se envolva ainda mais e sintam o fato ainda mais perto da sua realidade, a partir do momento que a própria narrativa o questiona.

Quis Morrer: e para isso ingeriu mercúrio

“(...)Inexplicavelmente, Precipita, num gesto de loucura, acabou com a vida, que começava a despontar.

Por quê? Não se sabe ainda.

Precipita, na ânsia violenta de morrer, socorreu-se do mercúrio. Tinha, de fato, ímpeto de morrer, de acabar com a vida que não lhe sorria que lhe pairava nos olhos, nos seus olhos de tentação.

Amores mal correspondidos? É possível. Qual a mulher que, nos seus vinte anos, não tenha, pelo menos, um capítulo de amor?

Dizem, porém, que órfã, entregue aos cuidados de um agente da 4ª delegacia auxiliar, a infeliz mocinha sentia em torno de si imenso vácuo. A vida assim é tão desgraçada! Melhor, não resta dúvida, é a morte – a verdadeira vida dos desgraçados. (...) Encontraram-na morta, e o ríctus da morte era talvez o seu último sorriso”. (Crítica, 25/11/1928)

Segundo o próprio Nelson Rodrigues, a prática policial pode ser considerada um dado fundamental para a construção de sua visão de mundo, refletindo na sua produção. “A reportagem policial vai transformar-se para sempre num dos elementos básicos da minha visão de vida. Através dela tive intimidade com a morte (...); a preferência pelo assunto já era uma antecipação de minha obra” (RODRIGUES, 1993:18).

5. Considerações Finais

“Colorir o fato” esta entrando novamente em “cartaz” no campo do jornalismo. Se em meados dos anos 50 isso foi abolido das redações jornalísticas, hoje, a busca pelo jornalismo de sensação vem fazendo com que voltemos os olhares para o estilo rodriguano de escrever uma reportagem envolvente. Vivemos o declínio sem volta da objetividade, que tanto assombrou em 1950 com a implantação das regras norte-americanas nas redações impressas do Brasil. Percebemos por exemplo, nos blogs jornalísticos, um estilo cada dia mais próximo ao defendido por Nelson Rodrigues. E essa resistência a uma tipologia de jornalismo própria, que afastou Nelson Rodrigues das redações cariocas, pode fazê-lo vir à tona após décadas.

A imprensa se adaptou em tantas regras para o jornalismo que ele acabou ficando frio e calculista, fazendo com que as matérias obtivessem o mesmo corpo, mudando apenas o conteúdo, as notícias. A abolição da subjetividade fez com que o envolvimento do jornalismo com o leitor ficasse restrito apenas à troca seca de informações, perdendo aquele vínculo dos anos 20 e 30, onde o jornal era como um ser com vida própria capaz de envolver, comover e formar opiniões.

Ao entrarmos no universo rodriguiano é possível perceber um estilo jornalístico que merece ser analisado e comparado ao jornalismo atual que ainda teima em se intitular “objetivo”. Nelson Rodrigues nos deixou um acervo de obras marcadas por sua característica própria de se construir um estilo, registrando nos jornais da década de 20, uma tipologia de fazer jornalismo inédita, jamais feita ou ousada por nenhum outro jornalista.

Nelson Rodrigues, além de jornalista, era dramaturgo, cronista... Fez bem todas as suas facetas, sempre com uma obsessão pelos temas sobre amor e morte. Era um sensacionalista que fazia da tragédia algo cotidiano. Sabia contar como ninguém um suicídio, uma traição. Para ele, dar “pílulas de dramaturgia” fazia com que o leitor

sempre se interessasse pelo próximo texto ou matéria. Nelson Rodrigues gostava de ser polêmico; não foi à toa que muitas de suas obras teatrais foram censuradas. Para ele a objetividade era tola e a unanimidade, burra.

Assim, podemos concluir que, para Nelson Rodrigues, o verdadeiro jornalismo viveu nos anos 20, década que a opinião dominava as redações, sendo possível usar da ficção para contar a realidade da sociedade da época, dando emoção aos fatos, fazendo com que o leitor vivesse a cena, fizesse parte da história.

6. Referências Bibliográficas

1. ANGRIMANI, Danilo. **Espreme Que Sai Sangue. Um Estudo do Sensacionalismo na Imprensa.**São Paulo,Summus editorial,1995.
2. BARBOSA, Marialva. **“Tragédias” apaixonam as cidades**, s/d. MIMOS.
3. CASTRO, Ruy .**O Anjo Pornográfico: a Vida de Nelson Rodrigues.** São Paulo, Companhia das Letras,1992.
4. FACINA, Adriana. **Santos e Canalhas:uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues.**Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004.
5. NETO, Geneton Moraes. **Cenas de Um Encontro com um Gênio chamado Nelson Rodrigues :“Ao cretino fundamental,nem água”.** In:<http://www.geneton.com.br/archives> – consulta em 05/09/2004.
6. PEREIRA, Aline Andrade. **Sobe o Pano: a Crítica Teatral Moderna e a sua Legitimação através de Vestido de Noiva** .Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação.Niterói, Universidade Federal Fluminense,2004.
7. RIBEIRO, Ana Paula (2007). **Imprensa e História no Rio de janeiro dos Anos 50.** Rio de Janeiro: E-Papers.
8. SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro, Mauad,1998.